

De Passo Fundo até Curitiba; Luciana Panke em histórias muito além do mundo acadêmico

A vida cheia de histórias tragicômicas por trás da Doutora e pesquisadora Luciana Panke

Brincalhona, chocólatra, vegetariana e admiradora de girassóis. Essas são apenas algumas das características de uma mulher que hoje tem tantas histórias para contar. Sonhou durante toda a sua adolescência em estudar na UFPR. Mesmo não conseguindo atingir seu objetivo, seguiu os passos de sua mãe e hoje é professora na instituição, sendo uma das maiores referências para grande parte dos alunos.

Para chegar em um presente tão admirável, Luciana Panke passou por grandes dificuldades durante a vida. Nasceu em Passo Fundo - RS, mas logo seu pai foi transferido e trouxe toda a família para morar em Curitiba. Em âmbito financeiro, sua vida nunca foi fácil. Aos 13 anos precisou trabalhar na livraria dos pais para ajudar nas contas da casa. Aos 14 já estava estagiando ganhando metade de um salário mínimo. Essa vida de trabalho desde cedo fez com que Luciana se entregasse ao máximo em tudo o que fazia. “Luciana é muito relacionada ao trabalho porque ela vê o trabalho como uma paixão, uma ação social”.

Criada com uma irmã mais velha e um irmão mais novo, os pais de Luciana sempre priorizaram a educação como maior valor na família. O grande esforço no trabalho permitiu que os filhos estudassem em um colégio particular no ensino fundamental. Luciana tinha oito anos de diferença para o seu irmão e por conta disso por diversas vezes foi a responsável por ele. Levava na escola, ajudava nos estudos e auxiliava o menino a ter um futuro melhor. “Até hoje me falam que eu era uma mãezinha. Essa relação com o meu irmão foi a que me moldou”. E contra fatos não há argumentos, moldou tão bem que hoje é responsável por diversos projetos e pesquisas mundialmente reconhecidas.

Seu pai não tem graduação e sua mãe foi a primeira mulher na família a ter mestrado. Enquanto atuava como professora, chegava em casa nos finais de semana e ficava muito aborrecida pela falta de reconhecimento na profissão. A tristeza da mãe contagiou por muito tempo Luciana, que desde cedo prometeu nunca trabalhar na área, por medo de passar pelas mesmas coisas que a mãe passava. Entrou na faculdade muito cedo: com 17 anos já era caloura e com 21 já estava formada. A escolha precoce do curso nunca tirou a recém-formada do rumo. O amor por redigir fez com que aos 23 anos já tivesse mestrado em linguística e foi a partir desse momento que sua vida começou a passar por tempos mais difíceis.

Como tudo na vida de Luciana aconteceu de maneira muito acelerada, aos 23 anos já tinha concluído seu mestrado, tinha uma filha e estava passando por um processo de separação com seu ex-marido. Esse momento tão complicado em sua vida, fez com que precisasse tomar algumas decisões que mudariam seu destino. Por ser mestre tão nova, recebeu um convite para trabalhar de professora em Foz do Iguaçu e acabou aceitando porque precisava sentir novos ares. Sem nenhum conhecido na cidade, sua única companhia era sua filha pequena.

Ao chegar lá, acabou aceitando mais uma proposta de emprego, dessa vez para cuidar da parte de comunicação de uma empresa. Mesmo com tanta coisa acumulada e uma filha para criar, Luciana nunca quis parar de estudar e logo em seguida começou a cursar seu doutorado na USP. Pode parecer loucura, mas semanalmente ela viajava durante 15 horas de ônibus para assistir às aulas presencialmente. Entre km e km de viagem, certa vez ocorreu um dos episódios mais tragicômicos (como ela mesmo diz) de sua vida.

A aula que quase deu certo

Era “só” mais uma viagem rotineira para São Paulo, 15 horas dentro de um ônibus já tinha virado costume. Mas dessa vez parecia que tinha tudo para dar errado... Por ter várias coisas para fazer e não querer faltar aula de maneira nenhuma, Luciana foi correndo para a rodoviária bem atrasada e se não contasse com um pouco da sorte teria perdido o ônibus. A viagem estava correndo bem até que perto de Osasco - SP, o ônibus acabou quebrando. Existia a possibilidade de esperar um outro transporte, mas como já conhecia esse tipo de serviço, sabia que iria demorar mais tempo do que ela tinha disponível.

Como o ponto de partida do ônibus era em Foz do Iguaçu, já não era mais espantoso ver uma quantidade considerável de estrangeiros falando as mais diversas línguas dentro do transporte. Luciana decidiu que iria pegar o trem metropolitano para seguir seu caminho, mas não contava que alguns estrangeiros iam pedir que ela se tornasse a “guia voluntária” deles. “E lá vai eu, com minha mochilinha de estudante e os gringo tudo me seguindo indo para o trem. E como tinha tudo que dar errado naquele dia, era óbvio que íamos ter problemas no trem.”

Rodeada de gringos, acabaram descendo na estação errada e perdendo mais uma quantidade considerável de tempo tendo que voltar. O relógio não parava e o horário da aula estava cada vez mais próximo. Luciana ainda precisou passar orientações para os seus novos amigos, para que seguissem a viagem sem ela. Seguindo seu rumo, foi correndo atravessar a ponte da Marginal Pinheiros até chegar na USP. Lá o câmpus é enorme e só era possível ir até seu prédio pegando o ônibus (que obviamente demorou muito para chegar).

O prédio ficava do outro lado da universidade e demorou mais um tempo até chegar lá. Faltavam poucos minutos para a aula começar e chegar atrasada depois de tanta luta era quase que um sentimento de derrota. Ao entrar no campus, já meio correndo, Luciana se deparou com um cachorro de três pernas (depois de tantos acontecimentos, algo assim não parecia tão bizarro) e mesmo com o animal diferenciado, preferiu só seguir seu caminho. Olhando atentamente no relógio, a cansada estudante chegou no horário exato da aula e antes mesmo de comemorar a vitória, deu de cara com a porta fechada. Bem no meio da porta tinha um bilhete dizendo que a aula foi transferida para o outro dia. Não podia ter um final diferente para uma história tão inusitada. “A professora não deu aula, eu gastei uma baita grana, vi um cachorro de três pernas, me perdi com os gringos e tem gente que ainda da desculpa para não ir para a aula.”

Uma referência para todos

Não faz muito tempo que resolveu se dedicar exclusivamente para o ramo da pesquisa. Sempre trabalhou dividida entre campanhas eleitorais e pesquisa, porém quando há 10 anos atrás passou no concurso da UFPR, decidiu dedicar-se exclusivamente ao lado acadêmico. Hoje é professora, pesquisadora e muito reconhecida pelos seus grandes trabalhos lutando pela igualdade de gênero.

Dois pontos foram muito marcantes na sua vida para que percebesse que precisava se aprofundar mais nessas causas. O primeiro deles foi ao ler o livro “El machismo invisible”, escrito por Marina Castañeda, que a fez abrir os olhos para as mais diversas violências que tinha passado na sua vida. O outro foi quando fez uma pesquisa sobre um pronunciamento do ex-presidente Lula feito no dia da Mulher. Ao entender melhor o assunto, conseguiu perceber qual era o verdadeiro papel da mulher na sociedade e isso a motivou a lutar pela causa.

Luciana Panke é um exemplo de mulher a ser seguida. Batalhou durante toda sua vida e hoje colhe os frutos de seu suor. “Aquela menina que ficava vermelha porque era tímida, que se escondeu durante a vida inteira. Hoje se transformou em uma mulher que é ouvida, que representa outras mulheres, que representa as minorias.” Sua filha, hoje com 24 anos, segue a determinação da mãe e irá se formar em Medicina ainda esse ano. As duas mantêm uma ótima relação e esperam ansiosamente o fim da pandemia para que possam juntas conquistar ainda mais o mundo.